

# Capital fora do circuito

A pesar de já ser quase uma quarentona e de ostentar as belas formas da arquitetura de Niemeyer, Brasília ainda continua sendo terra de política, economia e burocracia. A capital da República é sede do poder governamental, exporta decisões, boas ou más, para todo o país, mas está longe de merecer o título de capital cultural. Ainda que a contragosto, é preciso admitir que Rio de Janeiro e São Paulo continuam à frente de Brasília no quesito cultura.

É lógico que, aos trinta e nove anos, a cidade não conta ainda com a tradição das quatrocentonas São Paulo e Rio de Janeiro. Mas o fato de Brasília ser uma cidade "planejada", idealizada previamente e sistematicamente implantada pelo homem, ou seja, uma cidade racional, poderia compensar a defasagem histórica. O homem fincou estacas, levantou edifícios, reformulou o espaço físico e povoou o planalto. Hoje, apesar de todo o planejamento, Brasília já apresenta problemas típicos das grandes cidades, como engarrafamentos e criminalidade, só que o clima cultural continua quase tão árido quanto antes da chegada do homem, ainda que não por falta de talentos.

Verdade seja dita, a idéia original da nova capital previa que Brasília fosse um pólo de produção e exportação de pensamento e de arte para todo o Brasil, vide projeto de Darcy Ribeiro para a Universidade de Brasília. Só que esta idéia foi rapidamente abortada pela ditadura e, desde então, artistas e intelectuais lutam pela retomada do sonho, ou seja, fazer da cidade um centro irradiador de arte e saber.

O Governo do Distrito Federal, pelo menos, parece não estar alheio a isto. Mas as iniciativas apresentadas são ainda incipientes. Para a secretária de Cultura, Luíza Dornas, Brasília ainda não é uma capital cultural, mas está a caminho de ser. Para atingir este objetivo, a secretária pretende trabalhar em duas frentes. "Primeiro, fomentar a produção dos artistas locais e criar um mercado para eles. Para isso, estamos implantando os projetos *Arte por toda parte* e *Oficina do saber*. Segundo, facilitar a vinda de eventos nacionais e internacionais de grande porte, como teatro, seminários e palestras", afirma Luíza Dornas.

O problema também poderia ser amenizado se as instituições que cá existem, públicas ou privadas, ousassem participar mais do cenário cultural. O Banco do Brasil, por exemplo. O maior banco estatal brasileiro mantém no Rio de Janeiro o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), que oferece uma excelente programação cultural à cidade, de teatro à exposições, passando por seminários e conferências. E na capital da República, o que faz o Banco pela cidade onde

possui sua sede? Muita coisa, com certeza. Segundo o presidente da Fundação Banco do Brasil, João Pinto Rabelo, a instituição já investiu cerca de 12 milhões de reais em reforma do patrimônio brasiliense, como o Museu Vivo da Memória Candanga, o Museu do Índio e o Teatro Nacional, patrocinou a exposição de Yoko Ono em Brasília o ano passado e contribui com iniciativas como o Clube do Choro, a Orquestra Jovem de Brasília e a Casa das Três Meninas. Mas não possui o que se pode chamar de uma política cultural para a cidade nos moldes do que executa o CCBB no Rio de Janeiro. Rabelo acena, no entanto, com a possibilidade de participar da construção do complexo Museu Nacional e Biblioteca Pública de Brasília previsto no projeto original de Niemeyer para a Esplanada dos Ministérios, o que, para ele, poderia se transformar no Centro Cultural da cidade.

Também o diretor do CCBB no Rio de Janeiro, Cláudio Vasconcelos, já está consciente da necessidade de estender às atividades do

Centro a outras cidades brasileiras, principalmente à capital da República. "No Rio, analisamos cerca de 700 projetos por ano. Eventualmente, levamos alguns destes projetos patrocinados pelo CCBB a Brasília, como as peças *Metralha* e *Somos irmãs*. Mas estamos fazendo parcerias para que seja possível ter uma atuação mais constante em outras cidades. Em São Paulo, já firmamos uma parceria com Petrobrás, o que viabiliza que levemos exposições de artes plásticas para a capital paulista. Agora, estamos fechando com o Brasil Seguridade, que tem todo o interesse em incrementar as atividades do Centro em Brasília", explica Vasconcelos.

Outro exemplo seria o Serviço Social do Comércio (Sesc), uma entidade privada que, em São Paulo, é uma das instituições mais atuantes, ao lado do Instituto Moreira Salles, o braço cultural do Unibanco. Na capital paulista, o Sesc também promove exposições, seminários e patrocina um dos pólos de produção e formação teatral mais importantes do Brasil,

o Centro de Produção de Teatral (CPT), dirigido por Antunes Filho. Em Brasília, o Sesc também promove iniciativas culturais, entre elas bibliotecas, gibitecas, salas de música, projetos como *Para ver a banda tocar* e *Hora do conto*, cursos de dança e de teatro, além do Teatro Garagem, que no momento está sendo reformado. São, obviamente, iniciativas importantes e válidas, mas que não alcançam a maturidade dos projetos do Sesc/São Paulo. Segundo a coordenadora de cultura do Sesc, Telma Gazzoni, a diferença de atuação entre os duas instituições decorre de alguns motivos. "Em um primeiro momento, a presidência do Sesc preferiu investir nas áreas de saúde e alimentação. Atualmente, estamos priorizando a área de cultura, mas não temos os mesmos recursos financeiros do Sesc de São Paulo, um estado mais rico, onde o comércio é maior e mais forte do que em Brasília", explica Telma.

Já o Instituto Moreira Salles, que possui espaços culturais em

São Paulo, Belo Horizonte, Poços de Caldas e, até meados do ano, no Rio de Janeiro, não tem previsão para se instalar em Brasília. Mas o diretor superintendente do Instituto, Antônio Fernando de Franceschi, não descarta a possibilidade de, futuramente, abrir um espaço cultural também na capital. "Até o momento só criamos espaços culturais em cidades que fazem parte da trajetória da família Moreira Salles. Mas, Brasília, por ser a capital da República, é uma das nossas perspectivas", afirma Franceschi.

A falta de uma política cultural para a cidade também é o problema de uma instituição cem por cento local. O Banco de Brasília (BRB) atua em algumas frentes de produção cultural, como a cinematográfica, mas de forma assistemática. Segundo informação da assessoria de comunicação do Banco, a instituição patrocinou filmes pela Lei do Audiovisual e o *Cine BRB Céu Aberto*, além de contribuir com Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Só que, para cada uma

dessas iniciativas, há uma decisão isolada da diretoria, ou seja, não há uma política do BRB para a área cultural.

Entre as instituições que procuram desenvolver uma política cultural para a cidade está a Caixa Econômica Federal, que tem como prioridade as áreas de teatro, dança, música e artes plásticas. Todos os anos a Caixa promove um edital para ocupar ao longo do ano o seu Conjunto Cultural, composto de teatro e galeria. Segundo a coordenadora de marketing cultural, Maria Madalena Mollmann, os artistas locais são prioridade, principalmente aqueles que não encontram espaço em ambientes consagrados, como o Teatro Nacional. "Procuramos também levar o trabalho dos artistas brasilienses para cidades onde temos sede, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, ajudando a divulgá-los fora de Brasília", explica Madalena.

**JOSEANA PAGANINI**  
Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Principais instituições culturais ainda não têm uma política cultural definida para Brasília



Reforma do Teatro Nacional contou com apoio do Banco do Brasil